



RICOEUR E AS VEREDAS NA ÉTICA¹

Ricoeur and the pathways in ethics

Herasmo Braga de Oliveira Brito
UESPI/UFPI

Resumo: A presente escritura versa sobre a elaboração de uma *Poética* formulada por Paul Ricoeur ao longo dos seus estudos sobre narrativa e a linguagem. Nessa *Poética* problematizamos que o filósofo hermeneuta atribuía uma formação ética dos indivíduos através das grandes narrativas. Com intuito de comprovarmos as ideias norteadoras desta *Poética* que unia o ético ao estético utilizamos a obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Utilizamos como linhas de fundamentação de comprovação desta poética as obras de Paul Ricoeur² e Iser³.

Palavras-chave: Ricoeur. Poética. Narrativa. Linguagem. Ética.

Abstract: This writing deals with the elaboration of a Poetics formulated by Paul Ricoeur throughout his studies on narrative and language. In this Poetics, we problematize that the hermeneutic philosopher attributed an ethical formation of individuals through the great narratives. In order to confirm the guiding ideas of this Poetics that united the ethical to the aesthetic, we used the work *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. We used the works of Paul Ricoeur in particular (2000, 2007, 2010 a, b, c, 2014) and Iser (2013) as foundation lines to prove this poetics.

Keywords: Ricoeur. Poetics. Narrative. Language. Ethics.

“Tudo nesta vida, é muito contável” já nos dizia Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Essa frase nos converge para os pensamentos de Aristóteles em sua *Poética* e de Paul Ricoeur ao longo das suas obras no que tange a problematização da narrativa. Na ligação entre os pensamentos dos filósofos com o grande ficcionista, poderíamos assegurar, que tudo é contável desde que faça sentido e exerça uma finalidade. Todavia, este designo não deve ser restrito a um valor comunicativo, referencial, pragmático, mas algo formativo ao homem e que nele possa refratar um sentido articulado ao estético e ao ético. Sob a égide da constituição de uma *Poética* formulada por Ricoeur, almejamos a promoção do diálogo entre a filosofia hermenêutica e a produção literária diante da funcionalidade ética na junção ao estético. Essas ideias foram elaboradas por Paul Ricoeur ao longo dos seus escritos e por nós defendidas como parâmetro para análise da obra clássica literária. No caso específico da presente escritura estaremos nos utilizando da considerada *magnum opus* de Guimarães Rosa: *Grande Sertão: Veredas*.

1. A constituição do sujeito pela narrativa

¹ Este texto compõe a produção do estágio pós-doutoral em Filosofia (2020-2021), sob a supervisão do professor Dr. José Vanderlei Carneiro, do Programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí.

² Especialmente (2000, 2007, 2010 a, b, c, 2014).

³ (2013).

Não constitui novidade a elaboração de narrativas pelo homem desde as suas primeiras manifestações rupestres. Mais do que o mero registro, a narrativa se faz presente em todas as instâncias da vida do sujeito, seja no sentido individual, coletivo, ficcional, histórico, social, cultural, imaginário. Além de se fazer presente, ela também o constitui, por exemplo, na elaboração da sua memória, no seu processo mimético de aprendizagem, na elaboração da sua identidade, sendo todos esses aspectos elencados tanto no nível individual como no nível coletivo. Ricoeur⁴ ao analisar a narrativa histórica em *A memória, a história, o esquecimento*, diz-nos “(...) compreender uma narrativa é, conseqüentemente, explicar os acontecimentos que ela integra e os fatos que ela relata”, nessa composição dos acontecimentos encontra-se a intriga e ela pode estar em meio tanto no discurso histórico, quanto ficcional.

Importante perceber que, mais do que se fazer vigente, a intriga aproxima o *homo sapiens* do *homo fictus*, pois ela singulariza a formação do *homo narratum* já que tensiona a narrativa ao elevar, além da descrição de fatos imaginados, acontecidos, pensados, refletidos, o estabelecimento da relação de sentido. Isso fica devidamente demonstrado quando Ricoeur, na análise da narrativa historiográfica, enuncia: “Direi, portanto, primeiramente, o que não se deve esperar da narratividade: que ela preencha uma lacuna da explicação/compreensão”⁵, caberá, portanto, ao leitor ou receptor da narrativa realizar esse preenchimento, mas como próprio Ricoeur⁶ sinaliza no terceiro tomo de *Tempo e Narrativa: um leitor de ação*. Alguém que não só interprete a narrativa estabelecendo relações de sentido, mas, não obstante, assimile de maneira formativa para sua constituição como um ser ético.

Nessa mediação para que tais procedimentos aconteçam a intriga exerce papel essencial ao ser além de meio para produção sentido, é também, instrumento que dinamiza a narrativa, como podemos ilustrar neste pequeno fragmento de *Grande Sertão: Veredas* em que temos o “juízo” de Zé Bebelo derrotado pelo bando de Joca Ramiro em que Sô Candelário argumenta:

- “Crime?... Crime não vejo. É o que acho, por mim é o que declaro: como a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços? A pois: jagunço com jagunço – aos peitos, papos. Isso é crime? Perdeu, rachou feito umbuzeiro que boi comeu por metade... Mas brigou valente, mereceu... Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra...”
- “Sempre eu cumprio a palavra dada!” – gritou de lá Zé Bebelo.⁷

Percebemos que o *ethos*⁸ que os envolvem são conjuntos de valores com princípios marcados, de maneira cultural, advindos de narrativas vivenciadas por outros jagunços e por elas se realiza e fazem com que o jagunço seja punido por crimes que estão à margem destas questões. Outro ponto a ser destacado em relação à constituição de uma ética é ela não advir de uma formação instrutiva, formal, mas da própria convivência sócio-histórico em que os aspectos compositivos de melhor vivência entre os indivíduos e o sentimento coletivo paira acima dos interesses individuais. Desta maneira, podemos inferir que a presença da ética nas narrativas, sejam elas ficcionais ou não, desencadeia no fato delas serem independentes da maneira como foram repassadas, seja

⁴ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 253.

⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.251.

⁶ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010a, v. 1.

⁷ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 232.

⁸ Aqui deve ser entendido como expresso por Northroph Frye em *Anatomia da Crítica* (2013): O contexto social interno de uma obra literária, compreendendo a caracterização e o cenário da literatura ficcional e a relação do autor com seu leitor ou audiência na literatura temática.

pela oralidade, escrita, imagética, como também, através das tradições populares, eruditas, religiosas, aristocráticas ou formais.

Ao percebermos essa composição de uma *Poética* como reflexo das abordagens de Ricoeur no desenvolvimento das suas ideias, atentamo-nos, para um diálogo produtivo entre o filósofo francês com o movimento estético-filosófico do romantismo alemão encabeçado especialmente por Goethe, Schiller e Schlegel. É conhecida a ideia formulada por Goethe de pensar para agir e agir para pensar. Do mesmo modo a presença entre filósofos-literários da ideia do termo alemão *bildung* que traz como teor a ideia de formação. Assim, a arte era observada como instrumento formador dos sujeitos como ficou expresso nas ideias da tríade. Essa formação do sujeito terá também como uma das suas bases a questão do desenvolvimento ético através das artes como podemos observar na obra *Educação Estética do Homem*, de Schiller.

Destarte, não constitui nenhum estranhamento por parte de Ricoeur ao fazer a junção da narrativa ficcional, desenvolvida nas grandes obras literárias, como propagadora de elementos para a formação dos sujeitos não apenas para o viés cognitivo, mas, sobretudo, para sua integralidade enquanto ser ético. Assim, quando o narrador da obra de Guimarães Rosa nos diz “(...) viver é um descuido prosseguido (...)”⁹, não reproduz uma mera frase retórica, e sim, um sentido significativo de estarmos abertos as diversas possibilidades de experiências que a vida oferece a todos, dessa maneira elas passam a compor, a serem compartilhadas e enriquecidas pelas narrativas que a todos nós nos encontramos submersos. Em meio a elas a busca do sentido se faz como atributo constitutivo e indispensável não só para a compreensão a sua compreensão, mas, principalmente, para *bildung* dos sujeitos.

Quando Ricoeur¹⁰ em *A Metáfora Viva* nos escreve: “(...) é um traço significativo da linguagem viva poder levar sempre mais longe a fronteira do não-sentido”, busca defender os recursos conotativos das palavras e nos convoca a refletir o quanto temos nos perdidos em meio a precarização da linguagem não no âmbito da formalidade, mas da própria exploração e singularização de sentidos. Cada vez mais ficamos reduzidos de linguagem e, conseqüentemente, de todas as demais coisas dependentes dela. Atribuimos o ensejo de finitude a linguagem pela ação constante de pragmatização do seu uso. Transfiguram-na cada vez mais de maneira denotativa, referencial e limitadora de sentidos. Além de nos tornar, conseqüentemente, menos imaginativos, menos reflexivos e menos singularizados.

Grandes ideias temos transformando-as em simplicidades conceituais que não conotam o poderio significativo dos diálogos e das redes conectoras com outras que servem para despertar o ser de toda padronização restritiva oriunda de uma pararealidade acrílica. O conceito aristotélico da *katharsis* atua menos nos sujeitos contemporâneos devido a perda deste envolvimento arbitral do jogo da linguagem que incide o indivíduo e o torna livre a pensar e interpretar. É por essas e outras razões que as grandes narrativas devem nos servir como alimento espiritual no sentido constitutivo de sermos, de estarmos no processo formativo enquanto indivíduo ético e justo, como nos evidencia Ricoeur ao trabalhar suas ideias utilizando-se das significativas narrativas como as de Marcel Proust.

2. Os sujeitos e as personagens: nós Diadorins, nós Riobaldos

Na aproximação dos sujeitos com as narrativas não se está apenas inserida as ideias de contar, ouvir, participar como protagonista, coadjuvantes, há outras maneiras que nos fazem ser reconhecidos pelas personagens e nos identificarmos com eles durante e depois da leitura. Destacamos estar enganado quem considerar exagero essas ideias, tomando-as como algo meramente valorativo, ao tempo idealista da imaginação

⁹ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 53.

¹⁰ RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. Tradução de Dion David Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 150.

ser. Essa aproximação entre personagens e sujeitos ocorrer devido as configurações criativas das narrativas. Assim, o uso imaginativo serve como auxílio diante das percepções retiradas pelo indivíduo que tece a intriga. Destarte, a percepção, as vivências, a linguagem e os aspectos imaginativos atrelados ao partilho das experiências se estabelecem como os entes mais significativos na composição das narrativas formativas e se estabelecem teias de relações entre todos os envolvidos.

Desta maneira as partes que consolidam a presença de modo perceptíveis deles na intriga são, portanto, os personagens, o espaço e o tempo. Com eles teremos os elos estabelecidos entre realidade e ficção para a produção de sentido e, conseqüentemente, para as ações refratárias e reflexivas das interpretações dos enredos e das suas funções, que no caso nosso em destaque é dado diante de uma *Poética* de Ricoeur, direcionada para a formação dos indivíduos e sua *distencio anime* mediada pela ética. Assim, diante dos pontos mencionados não podemos atribuir mera arbitrariedade ou apenas ideias estruturais para a produção ficcional da narrativa. Generalizando a ideia de que as grandes narrativas estariam sob a mesma atribuição das outras obras como meros instrumentos de entretenimento por meio dos textos ou até mesmo apenas voltada para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, como mencionamos, anteriormente. Tomando as obras literárias de elaborações que atravessaram o tempo histórico não só pelas qualidades literárias a elas atribuídas, como também, não se utilizando de critérios relativistas e até mesmo idealistas para justificar as permanências na atualidade. Asseguramos que a ideia do Forster em *Aspectos do Romance* (1998), de que elas atualizam o presente pelo passado, Jorge Luís Borges parte desta mesma ideia, como pode ser observado em seu conto *Kafka e seus precursores* que através dos autores contemporâneos passamos a conhecer os autores do passado e assim nos perscrutamos em ideias, percepções e interpretações do nosso presente e voltado para formação de si mais lúcida é que entendemos a aproximação feita por Ricoeur¹¹ quando ele nos contempla com a seguinte ideia em relação as personagens nos enredos:

A pessoa, entendida como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta de suas “experiências”. Ao contrário: ela compartilha o regime da identidade dinâmica própria à história narrada. A narrativa constrói a identidade da personagem, que pode ser chamada de sua identidade narrativa, construindo a identidade da história narrada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem.

Nesse jogo de constituição da personagem e da sua construtiva identidade é que podemos perceber os vínculos dialógicos entre literatura e vida, ficção e realidade, pois a partir das “leituras” dos sujeitos ordinários que os autores tomarão como base para a formulação dos participantes dos enredos e sob eles estará marcado o espelhamento dos sujeitos reais por meio dos personagens ficcionais. Com isso, a ação perceptiva e formadora dos indivíduos se dará pela primeira aproximação identitária diante do dialético jogo de estranhamento e de identificação mediada pela alteridade. Ao longo da narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, ao momento que o nosso narrador Riobaldo vai nos apresentando peculiaridades de Diadorim esse processo de estranhamento e identificação pela alteridade vai acontecendo, por exemplo, na menção: “Diadorim, sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder. Tão certo de si, ele repousava qualquer mau ânimo¹²”, através desta e de outras menções passamos a conhecer cada vez mais não só a personagem Diadorim, por meio das manifestações virtuosas, reflexivas e reativas, como também, pelo espelhamento no ato constitutivo de uma hermenêutica de si. Destarte, deixamos de ver essas personagens como algo distante e passamos a nos reconhecer neles em determinados aspectos valorosos ou até mesmo naquilo que queiramos esconder e rejeitarmos em nós. Todavia, tudo nos é

¹¹ RICOEUR, Paul. *O Si-Mesmo como um Outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Papirus: São Paulo, 2014, p. 161.

¹² ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 155.

revelado e nos promove ações conflitas, contudo, elucidadoras de nós. Passamos, então, a ser *coparticipes* das narrativas e das suas configurações.

Nessa aproximação identificatória com as personagens, advém, como nos apresenta Ricoeur em *A Memória, A História, O Esquecimento* diante do processo de integração promovida pela construção narrativa, como ele nos escreve: “A integração narrativa entre estrutura e acontecimento reforça assim a integração narrativa entre fenômenos situados em níveis diferentes nas escalas de duração e de eficiência¹³” é importante perceber que não há diferenciação nesta ideia sobre o que vem a ser narrativa real, histórica, imaginativa, ficcional. Destarte a integração se caracteriza pelo envolvimento do sujeito com o enredo apresentado e isso se efetivará diante dos efeitos formulados por Aristóteles, na sua *Poética*, da *katarsis* quando ocorre o momento de maior reconhecimento do indivíduo com a narrativa apresentada.

Podemos acrescentar nesta relação de personagens com os sujeitos reais que assim como cada um transforma-se diante de narrativas, eles também se modificam ao longo das suas narrativas devido ao processo acumulativo de experiências no desenvolvimento do enredo. Desta maneira, suas percepções diante de cada realidade fictícia ou real acompanham o ritmo das alterações. Ilustremos Riobaldo que narra a sua trajetória como jagunço, a construção dos laços de afetos com Diadorim, o seu relacionamento com o sertão, com os outros sujeitos e até mesmo com a figura para quem ele conta essas histórias. Riobaldo sai do homem inseguro para o decidido e chefe dos demais:

Ninguém não reparava mais em mim, não apontavam o eu ter falado o forte solene, o terrivelmente; e então, agora, para todos os de lá, eu não existisse mais existido? Só Diadorim, que quase me abraçava: - “Riobaldo, tu disse bem! Tu é homem de todas valentias...” Mas, os outros, perto de mim, por que era que não me davam louvor, com as palavras: - Gostei de ver! Tatarana! Assim é que é assim! -? Só, que eu tinha pronunciado bem, Diadorim mais me disse: e que tinha sido menos por minhas tantas palavras, do que pelo rompante brabo com que falei, acendido, exportando uma espécie de autoridade que em mim veio¹⁴.

Em momento posterior da narrativa quando a postura de antes fora substituída por outra muito diferente da primeira:

Não era de propósito, o senhor não julgue. Nem não fizeram espantos. Não exclamei, não pronunciei; só disse.

- “Ah, agora quem aqui é que é o Chefe?”

Só perguntei. Sei por quê? Só por saber, e quem-sabe por excessos daquela minha mania derradeira, de me comparecer com as dodivãs bestagens, parlapatal. De forma nenhuma eu não queria afrontar ninguém. Até com preguiça eu estava. A verdade, porém, que eu tinha de ser o chefe. Zé Bebelo ou João Goanhá. Um para o outro olharam.

- “Agora quem é que é o Chefe?”

Somente eu estava por cima da surpresa deles? Zé Bebelo – o pensante, soberbo e opinioso. João Goanhá – duro homem tão simples, vindo por meio de dificuldades e distâncias, desde a outra banda do rio, caçar a lei da companhia da gente, como um costume necessário, que sem isso ele não conseguia direito se pertencer. Com meus olhos, tomei conta.

- “Quem é que é o Chefe?!” – repeti.¹⁵

Com esses pequenos fragmentos de *Grande Sertão: Veredas* em que temos a mudança pelas experiências do narrador personagem, da mesma maneira, acontece com os receptores ao longo da leitura. Mudamos nossas percepções em torno não só diante

¹³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 258.

¹⁴ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 241-2.

¹⁵ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 383.

das figuras ficcionais, como também, em nós mesmos. Passamos no mínimo a compreender melhor tanto os sujeitos ficcionais, quanto os indivíduos que nos cercam. Isso acontece e nesse ponto convergimos com Ricoeur, pois concebemos como uma das atribuições da narrativa a formação dos indivíduos e no caso central da nossa ideia, em diálogo com o filósofo hermenêutico, voltado para formação ética. Tudo isso sem estreitar visões com certas linhas que poderíamos tomar como irracionistas quando elas tentam limitar ideias por meio de dogmas ou outros tipos de crenças baseadas mais na fé no sentido geral - não só no de conotação religiosa, que recaem nos relativismos opinativos do nada dizer, de maneira significativa-formativa, apenas expressam falas vazias de intencionalidades questionadoras ou desinformadas.

A esse tipo de construção podemos pontuar, sem cometer equívocos ou idealismos, que as grandes obras não advogam e, ao contrário dos que se tenta rotulá-las, elas não são exclusivas para determinados grupos sociais privilegiados. Essa ideia hoje propagada de maneira acrítica não condiz com as chamadas obras canônicas. Há grandes narrativas em meio a denominada cultura popular como, por exemplo, na literatura de cordel. Outro aspecto a frisar sob este ponto é quem acredita nestas ideias simplistas acerca das grandes narrativas, deve-se lembrar que a literatura não é uma forma de exclusão, mas sim, de inclusão e em meio as significativas narrativas compartilhamos ideias, experiências e percepções que também atuam no desenvolvimento ético dos sujeitos. Isso tudo sem as obras comprometerem suas qualidades estéticas e os seus diálogos com as tradições, com os contextos, com os indivíduos e com as realidades.

3. O Efeito da Estética sob a égide da Ética

Destarte, nesta pluralidade de visões algumas outras questões precisam ser revistas por aqueles que tomam o aspecto da ficcionalidade como algo exclusivo ou mesmo restrito ao âmbito da Literatura. O interessante livro de Wolfgang Iser: *O Fictício e o Imaginário: Perspectiva de uma Antropologia Literária*, apresenta-nos algumas ideias pertinentes que nos ajudam a compreender melhor a dimensionalidade da ficção em meio aos sujeitos nos seus diversos momentos, assim como, apresenta a intensa relação entre a ficção e o imaginário. Ratificamos que não constitui equívoco ou efeito retórico vazio quando afirmamos sem riscos que os sujeitos são constituídos além das narrativas, como também, de ficção e da sua dimensionalidade imaginária. Escreve-nos, então, Iser:

A ficção, pois, se torna ficção em virtude de seu caráter de *como se*, o qual, no entanto, deve ser sempre indicado ou conhecido. Pois as ficções são instrumentos que ajudam a resolver problemas e que serviam, no Direito Romano, para o aperfeiçoamento das leis e, na era moderna, para a extensão da mente humana.¹⁶

Diante desta ideia em que se toma como referência os primeiros estabelecimentos institucionais de justiça esse elementos irão atuar e influenciar ao longo dos séculos a base jurídica do mundo contemporâneo recorrendo à ficção para o seu aperfeiçoamento, hoje esse uso não é diferente, pois ao tomar ideias do *como se*, ou então, do poderia ser, a quimera será utilizada para o contínuo aperfeiçoamento da ordem jurídica social. Do mesmo modo, como temos evidenciado, o vínculo *bildung* sobre os indivíduos se mantém por meio da ficção.

Para melhor compreensão destas relações é interessante lembrarmos como foi desenvolvido e exposto, durante os estudos hermenêuticos no período medieval, os tipos de atuação interpretativa e de entendimento que se produziu em torno dos textos bíblicos e que hoje são mantidos e ampliados para os estudos dos textos em geral e, em

¹⁶ ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Krestschmer. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 147.

especial, os narrativos. Temos o nível histórico ou literal em que se assegura o entendimento e sentido do texto, pois as ideias estarão de modo evidente nele, sem necessidade de outros elementos para sua compreensão. Um segundo nível seria o tropológico ou moral em que se estabelece a sua cognição por meio das obrigações e da atuação dos cristãos. O terceiro o anagógico ou escatológico em que se estabelece como parâmetro de apreensão as coisas vindouras, que no caso específico dos cristãos ele deverá esperar as promessas serem cumpridas segundo a vontade divina exposta nas escrituras sagradas. Em meio a esses níveis temos o tipológico ou alegórico que depois foi retomado e ampliado na contemporaneidade por grandes pensadores e filólogos como Ernest Robert Curtius e Eric Auerbach. Além das alterações nas suas configurações fruto de novos entendimentos, acabou também, emergindo uma nova nomenclatura dentro dos estudos hermenêuticos como *figural*. A relevância para essa agnição deve-se para nos atentarmos diante do nosso posicionamento do texto e para sua melhor atuação ao estabelecer não só linhas interpretativas, mas, principalmente, os seus mecanismos constitutivos de sentidos atuantes. Trazendo à tona o nível que nos interessa na vinculação entre ética e estética que é o *figural* podendo o seu entendimento ser ilustrado através do conto produzido por o Jorge Luís Borges: *Kafka e os seus precursores*. Nele temos a exemplificação não só compositiva da *intriga*, e, conseqüentemente, da sua interpretação, como também, da atuação da ficção sobre nós e sobre o tempo. Vejamos:

No conto o narrador irá mover-se na busca dos escritores que influenciaram Kafka na sua constituição da sua prosa ficcional. Nesta busca dos precursores o narrador se depara com o sentido *figural* do entendimento de Kafka. Não é lendo os que o antecederam que o narrador irá entender melhor o escritor *theco*, mas o contrário, será através de Kafka que ele se compreenderá melhor os seus anteriores. Ampliando essa ideia para o sentido *figural* chegaremos a seguinte compreensão: que é através dos autores, dos textos, das ideias presentes que entenderemos melhor o passado. Portanto, ao se buscar uma interlocução com o ficcional, Ricoeur não só está nos apontando algo em que se encontra em nosso envolvimento e nos constitui, ele nos desperta para algo notável na forma coletiva de vida humana, nos possibilitando o desenvolvimento social, como também, individual: a postura ética. Desta maneira, quando evidenciamos Ricoeur em busca de uma ética esquecida é quando nos deparamos com as narrativas presentes que estaremos iluminando o passado e nos situando no presente. Por essa razão, sob o âmbito de uma compreensão *figural* da narrativa é que diante da tradição formativa da ordem estética estaremos nos aproximando da nossa formação harmonizadora e justa através da ética.

Assim, com base nesses argumentos que asseguramos a proximidade propositiva de ressignificações constantes entre a filosofia e a literatura no intuito de formação ética dos indivíduos como Ricoeur nos evidencia através da sua *Poética*.

Insigne observar que nas abordagens de Ricoeur sobre narrativa ele nos leva a compreensão além desta maneira de como concebe as produções literárias sob o prisma *figural* dentre as produções e interpretações dos textos, e também, com essa finalidade de perfilar indivíduos éticos, esse processo não se dará de qualquer uma destas maneiras como: única, exclusiva, reducionista ou dogmática. A liberdade criativa dos textos ficcionais dada inicialmente por seus autores, depois para os narradores das intrigas e por, finalmente, ao leitor é mantida e assegurada. Ricoeur não busca validar apenas o seu argumento ético nas ficções, mas perceber essa junção ética ao estético sem prejudicar os elementos formativos das narrativas e dos seus aspectos como verossimilhança, sentidos miméticos e da *poieses* na forma de desenvolvimento criativo. Portanto, a presença do livre arbítrio em todas as instâncias que perpassam a narrativa como as de pré-configuração, configuração e reconfiguração são mantidas em todos estes momentos. Pois, apenas na liberdade criativa para os agentes que atuam em torno das narrativas seria possível o transcurso das diferenças que se harmonizam em suas contradições e se complementam nas suas ambiguidades. Desta maneira, como nos indica Ricoeur no terceiro tomo de *Tempo e Narrativa*: “Ora, é principalmente na

literatura de ficção que são explorados os inúmeros modos pelos quais a *intentio* e a *distentio* se combatem e se conciliam¹⁷, pois são esses movimentos dinamizadores da narrativa que potencializam a linguagem literária na ampliação perceptiva sobre os outros indivíduos e sobre as diversas realidades que nos circundam e fazem o sentido figural exercer alguns dos seus propósitos como mencionamos.

Neste ponto percebemos certa convergência com o pensamento de Iser:

(...) no horizonte de uma concepção substancialista do mundo, só uma leitura alegórica podia captar a referência figurativa e sua dimensão de referência; essa leitura fixava a dimensão da referência, mas ao mesmo tempo preservava a “estrutura bucólica”, onde sempre dois campos precisam ser relacionados.¹⁸

Destarte, como entende Iser ao abordar a literatura bucólica, pastoril, que podemos sem cometer qualquer deslize expandir para as demais formas literárias que perpassam ao longo do tempo que essas atuações figurais, alegóricas, crescem ao humano sua capacidade de leitura de mundo e de tempos, tornando-os aptos ao exercício da ação de reconhecimento do outro como a si mesmo no dizer de Ricoeur. Interessante que Iser, ao analisar a participação do leitor, não o toma apenas como mero receptor passivo de narrativas. A ideia de leitor para Iser aproxima-se da ideia ricoeuriana de assimilação de narrativas, pois em Iser o leitor é visto na alteridade e não como mero sujeito que se alheia aos significados do texto e das suas possibilidades constituintes de sentidos sobre ele enquanto leitor. No mesmo entendimento atua o leitor para Ricoeur, e através das narrativas direciona-se para assimilação ética, como ele nos escreve: “É em ética que o sujeito precede a ação na ordem das qualidades morais. Em poética, a composição da ação pelo poeta rege a qualidade ética dos caracteres”.¹⁹ A ação de quem adentra ao conhecer por meio das intrigas nos enredos não é apenas para nutrir-se informativamente de novos textos, mas, através das escrituras ter atitudes de *distencio anime* do seu ser e com isso integralizar-se com a ética.

Assim, diante do desenvolvimento dos enredos, vamos adentrando aquele mundo que a princípio estranhamos ao tempo de nos envolver e, desta maneira, nos tornamos pertencentes a ele e coparticipes daquela trama. Ao nos inserir no Sertão de *Grande Sertão: Veredas* e nos deparar com o diálogo entre Riobaldo e um velho senhor habitante daquelas terras áridas que nos diz: “ – ‘Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano! - ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo’ ”.²⁰ Temos de maneira dialógica o entendimento perceptivo advindo do personagem diante do mundo ficcional habitado por ele, e, ao retornarmos, traremos uma dilatação do nosso olhar sobre o nosso mundo e com isso passaremos a ver determinados sentidos antes indiferentes nas nossas conduções. Saímos do nosso *modo operante* do automatismo e nos despertamos para novos vínculos e entendimentos sem estarmos marcados pelas tensões sociais, culturais, históricas ordinárias e isso nos faz ter uma compreensão maior de nós, dos seres e dos mundos aos quais pertencemos e participarmos direta ou indiretamente.

4. Narrativas, Ficção, Universalidade e Ética

Significativo nos atentar para pontos convergentes entre as grandes narrativas e a formulação ética sob a égide de uma *Poética* de Ricoeur. Os teceres de constituição

¹⁷ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: o tempo narrado*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010c. v. 3, p. 233.

¹⁸ ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Krestschmer. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 71.

¹⁹ RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. v. 1, p. 68.

²⁰ ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Krestschmer. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 460.

dos sujeitos ficam evidentes quando nos deparamos com as suas identidades que só podem ser estabelecidas por meio das suas memórias adquiridas pelas vivências, sendo elas produzidas e mediadas por narrativas que, por sua vez, estiveram em constante diálogo com os imaginários individuais, sociais, históricos, culturais e se projetaram também em imagens que, por meios cognitivos e perceptivos, são interpretados e deles se desenvolveram experiências individuais e coletivas que estão e são compartilhadas com outrem em diversos tempos tanto cronológico como de valores.

Todas essas ações são apenas uma pequena parte da nossa teia constitutiva. Desta maneira, podemos assegurar como os elementos de identidade, memória, narrativa, imaginário, imagem, interpretação, tempo e experiência atuam simultaneamente nos sujeitos em ordem individual e coletiva. No tocante aos que estamos atribuindo como as grandes narrativas e as ideias de uma *Poética* de Ricoeur há dois elementos que se incorporam aos mencionados e trabalhados pelo filósofo hermenêutico, como também, fazem parte das produções ficcionais, são eles o caráter de universalidade e o caráter da presença ética. Desta maneira, as grandes narrativas são entendidas como aquelas que não são doutrinadoras e acabam, portanto, não tendo uma atuação limitadora, dogmática, formuladora de pensamento restrito como de expansão de sentimentos pessoais ou ações reivindicativas sociais, por exemplo. Tomamos as grandes narrativas como aquelas geradoras de amplas possibilidades interpretativas e trazem em si o DNA dos sentimentos humanos de ordem universal e perpassam as gerações de leitores sempre nos iluminando a partir do presente o passado através dos seus sentidos alegóricos e figurais. Não partimos, desta forma, de certa ilusão segregadora das obras ficcionais devido às origens das obras, dos autores e dos seus *ethos* como ora alguns desfamiliarizadas com as grandes tramas que tentam diminuir a relevância destas produções por fatores menores de ordem limitadora como as de cunho ideológico, religioso, de gênero e geográfico.

Além desta universalidade de sentimentos humanos que as grandes narrativas nos trazem, acrescentamos o vínculo e uma eticidade promovida por elas. Nesse ponto, Ricoeur também compartilha, quando nos diz em *O si-mesmo como outro*:

(...) a teoria narrativa só servirá de fato de mediação entre a descrição e a prescrição se a ampliação do campo prático e a previsão de considerações éticas estiverem implicadas na própria estrutura do ato de narrar. (...) em várias narrativas o si busca sua identidade na escala de uma vida inteira (...) ²¹

Não se deve, portanto, deixar atribuir o sentimento de exclusão ou de elitização cultural quando se vincula as grandes narrativas. O que muitos autores, entre eles: Ricoeur, Benjamin, Iser, ao se referirem desta maneira, vai no sentido de como nas significativas narrativas há predomínio do sentimento de coletividade nas suas mais diferentes modalidades como as de cunho imaginário, social, histórico, cultural que estarão presentes nas anedotas e no seu desenvolvimento experiências e percepções serão compartilhadas com mais profundidade e universalidade. Será somada a esses aspectos, também, no interior delas, a presença da ética como elemento constituinte da trama, sem, contudo, ser determinista ou doutrinaria. Podemos ilustrar esses elementos nesta passagem que caracteriza bem no momento em que Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas* expõe ao seu ouvinte da história contada:

O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração? ²²

²¹ RICOEUR, P. *O Si-Mesmo como um Outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Papyrus, 2014, p. 113.

²² ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 517-8.

Neste trecho da *magnum opus* de Guimarães Rosa temos as junções das questões da universalidade dos sentimentos humanos ao longo de toda narrativa, o compartilhamento de vivências e de experiências pelo narrador que nos fazem compreender a dimensão não só do personagem com o seu meio, mas como esta atua sobre nós para leituras dos ambientes que nos envolvem. Nesta direção ocorre a ideia de leitor trabalhada por Iser, leitor com alteridade, que se aproxima da concepção de Ricoeur em relação as receptividades das intrigas, que almeja um ser leitor ativo, que transforme essa experiência em si em uma construção de sentido para que ele possa evoluir seu espírito enquanto indivíduo e contribua como sujeito para uma vida social justa.

Na compreensão desta junção da narrativa com a ética, não se observa qualquer incompatibilidade quando se evidencia a relevância da estética, pelo contrário, Ricoeur percebe que ocorrerá maior expansão das potencialidades da narrativa quando os elementos da estética e da ética se unem, como podemos atestar em suas palavras:

Caberá dizer que a narrativa literária, no plano da configuração narrativa propriamente dita, perde essas determinações éticas em benefício de determinações puramente estéticas? Isso seria enganar-se em relação à própria estética. O prazer que sentimos em acompanhar o destino das personagens sem dúvida implica suspendermos qualquer juízo moral real, ao mesmo tempo que deixamos suspensa a ação efetiva. Mas, no circuito irreal da ficção, não deixamos de explorar novas maneiras de valorar ações e personagens. As experiências intelectuais que fazemos no grande laboratório do imaginário também são explorações realizadas no reino do bem e do mal. Transvalorar ou mesmo desvalorar ainda é valorar. O juízo moral não é abolido, mas é submetido às variações imaginativas próprias à ficção.²³

Com base nestas ideias expressas por Ricoeur podemos assegurar que as grandes narrativas não nos modificam apenas enquanto indivíduos, sujeitos, mas também como tipo de leitor. Não tomamos apenas aspectos informacionais dos enredos, outros elementos não são apenas assimilados, não obstante, sentidos. O leitor constituído pelas grandes narrativas em Ricoeur é um diferente do habitual, pois o marcante não será apenas a linguagem, e sim, os sentidos, todavia, não indiferentes, sem embargo, os incorporados as experiências que estes leitores terão com a leitura e nas ações nos mundos reais e fictícios que irão atuar. Isso ocorre pelos momentos de reconfiguração atuante e marcantes em cada ser leitor, pois, como nos escreve o próprio filósofo hermenêutico no tocante o ato de narrar "(...) é abrir um espaço imaginário para experiências intelectuais nas quais o juízo moral é exercido de modo hipotético"²⁴, da mesma liberdade criativa deve ser dada ao leitor e na interatividade imaginativa ocorrer o pleno momento reconfigurador das narrativas.

É perceptível estes elementos nesta passagem do momento revelador da narrativa de *Grande Sertão: Veredas*:

Me lembro de tudo. O que me deu raiva. Mas, aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pejo nenhum, era por causa da hora – a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser

²³ RICOEUR, P. *O Si-Mesmo como um Outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Papirus, 2014, p. 175-6.

²⁴ RICOEUR, P. *O Si-Mesmo como um Outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Papirus, 2014, p. 184.

decreto, é, para destino destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ela fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um outro. E tudo impossível (...)²⁵.

Mais adiante Riobaldo irá concluir:

Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha?²⁶

No momento de culminância de *Grande Sertão: Veredas* nos deparamos com o sentimento de reconfiguração da narrativa no dizer de Ricoeur, em que a intriga desenvolvida fora, por nós, vivida e, de maneira inquietadora, estética, fora nos estabelecendo sentidos éticos na nossa formação, como nos assegura ser uma das funções e virtudes de uma narrativa, no caso aqui, ficcional. A ficção, portanto, nos constituindo e nos elevando enquanto indivíduos sem perdermos o âmbito da coletividade justa.

Acreditamos que ao longo da escritura o vínculo de uma constituição de uma *Poética* de Ricoeur voltada para a formação de uma ética nos indivíduos sendo ilustrada pela obra de Guimarães Rosa ficou deveras expressa.

Referências

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco; Poética. In: *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Col. Os Pensadores).

DOSSE, François. *Paul Ricoeur: um filósofo em seu século*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

FORSTER, Edward. *Aspectos do Romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2.ed. São Paulo: Globo, 1998.

ISER, Wolfgang. O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Krestschmer. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RICOEUR, Paul. *Outramente*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 2: a configuração do tempo na narrativa de ficção*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 3: o tempo narrado*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. Tradução de Dion David Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. *O Si-Mesmo como um Outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. São

²⁵ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 510.

²⁶ ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 535.

Paulo: Papyrus, 2014.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1987.

RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretações – Ensaio de Hermenêutica*. Tradução de M. F. Sá Correia. Portugal: Rés, 1969.

RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté: Le volontaire et l' involuntaire*. Tomo I. Paris: Aubier, 1988.

RICOEUR, Paul. *Philosophie de la volonté: Finitude et culpabilité: L'homme faillible*. Tomo II. Paris: Éditions Points, 2009.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Doutor em Literatura Comparada (UFRN)
Professor de Literatura (UESPI)
Professor do PPG Letras (UFPI)

Email: herasmobraga@yahoo.com.br